


# EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL: ECOSSISTEMAS COMUNICACIONAIS, REDES SOCIAIS E NOVOS MODOS DE ENSINAR E APRENDER

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4911125010412>

*Data de aceite: 17/11/2025*

### **Walline Alves Guimarães**

Doutora em Educação pela Universidade Lusófona, com campo de pesquisa em Educação e Comunicação. Professora Substituta da Universidade Federal do Maranhão

## **INTERFACES HISTÓRICAS ENTRE DOIS CAMPOS**

Duas ciências distintas começaram a ganhar uma interface a partir de interações analíticas nas primeiras décadas do século XX. Falamos aqui da *Educação* e a da *Comunicação*.

A Educação tem seus vários conceitos e etimologias e todos eles se complementam independente de sua origem geográfica. A Educação se aplica a assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano através de uma pedagogia ou didática de ensino, visto que o homem tem necessidade de cuidado, disciplina e instrução, como escreveu Kant em 1803 (Kant, 1996). Ele divide esses três

estágios, de uma forma simples: cuidado com a infância, disciplina e instrução com a formação.

Presente em discussões de âmbitos sócio-político-culturais, a educação é um objeto necessário para a evolução das sociedades. Sob o olhar de Kant, o ser humano é o único ser que precisa ser educado, logo, a educação em Kant possui metas claras: tornar o homem disciplinado, cultivado, prudente e moralizado — sendo a moralização a tarefa mais difícil de ser alcançada, de acordo com os pensamentos kantianos. Nesse ínterim, há uma proposição do filósofo do Iluminismo e Criticismo, que nos faz refletir sobre o “fazer pensar”, como meio libertador da selvageria original humana (Silva, 2016).

Afinal, quando pensa por si mesmo, o homem se liberta da dependência de orientações alheias. Diante disso, surge a pergunta: será que políticos e outros gestores sociais realmente querem uma sociedade de indivíduos plenamente autônomos? O que se observa é que o indivíduo, enquanto ser em constante

desenvolvimento, precisa de uma intervenção educacional externa que o auxilie, oriente e molde nesse processo de formação.

Kant (1996) não vê a educação como um simples dado, mas um processo contínuo da espécie humana, um projeto. O ponto central dessa discussão é o desenvolvimento da razão humana, não desconsiderando os instintos. Em sua visão, pode justificar a educação como projeto considerando a visão da filosofia de Bobbio (1997) que procura responder à quatro perguntas: se existe na história humana um progresso, onde responde que sim; qual é o critério para medir o progresso, o qual responde que é através da razão; quais seriam os meios para isso, que é o antagonismo e, por fim, qual seria o fim, onde responde a paz com a liberdade.

Nesse processo, Kant não considera que a formação ocorra somente pela educação escolar, mas também pela educação doméstica — neste sentido, o educando é um ser sensitivo antes de ser racional.

A intervenção no ato de educar, no entanto, pode ser moldada, em muitos casos, em escala linear e sem a preocupação devida com o ser humano enquanto indivíduo único. Dessa maneira, o sistema educacional, numa perspectiva tradicional, prepara as crianças, desde a introdução da vida escolar, para seguirem uniformemente um único caminho: aquele que leva às universidades. Mas, será realmente que a vocação de todo ser humano (ou seja, aptidão, talento, habilidade) cabe nas caixas pré-definidas com requisitos universitários?

Bauman (2013) alerta para um fato preocupante. Há muitos diplomados vivendo de empregos temporários, sem estabilidade, em tempo parcial, em níveis muito abaixo de suas expectativas após a graduação; afinal, essa foi a máxima vendida por muitas décadas para a juventude: “entre na universidade e vença na vida”.

Vivenciando uma era na qual alguns autores apontam como quarta revolução industrial e outros como pós-revolução industrial, uma parte das pessoas mais ricas do mundo hoje, de acordo com a *Forbes' annual World's Billionaires list (2025)*<sup>1</sup>, tem negócios relacionados às tecnologias digitais. Alguns sequer possuem o diploma universitário<sup>2</sup>.

Em tempos de cultura midiática e cultura digital, observamos uma nova dinâmica da comunicação e da educação. Sobre isso, Santaella (2003) ressalva: “a dinâmica da cultura midiática se revela assim como uma dinâmica de aceleração do tráfego, das trocas e das misturas entre as múltiplas formas, estratos, tempos e espaços da cultura” (p. 59). Logo, compreendemos que se estabeleceu uma visão mais complexa diante dos

---

1. Veja lista completa aqui: <https://www.forbes.com/billionaires/>

2. Na realidade brasileira, o acesso à universidade continua sendo valorizado pela sociedade e governos. A Constituição Brasileira garante legal e juridicamente que a educação é o único meio que assegura a operacionalização de todos os objetivos informados desde o seu preâmbulo. Logo, o direito fundamental que potencializa a concretude dos demais é o acesso à educação de qualidade. No entanto, as causas facilitadoras para o acesso à educação superior, nem sempre, têm como base a educação em si. A facilidade do crédito universitário atrai jovens a ingressarem em instituições privadas de ensino, com todas as facilidades possíveis, mas, muita das vezes, os aprisionam posteriormente com juros exorbitantes acumulados ao longo dos anos de academia.

processos socioculturais, em particular daqueles relacionados aos meios de comunicação e à educação.

Carmo (2022) reflete que, em decorrência da globalização, os indivíduos passaram a viver o fenômeno da mudança acelerada, que encurtou de forma radical o ciclo cognitivo. Diz ela (p. 37): “na chamada sociedade do conhecimento este tornou-se um bem central, como outrora eram as mercadorias e serviços. A forma como o conhecimento se produz e circula mudou radicalmente, graças à evolução digital”. Em virtude disso, há uma carência motivada por si próprio e/ou pela sociedade de ter que estar aprendendo, reciclando e atualizando os conhecimentos em um ritmo muito mais acelerado do que antes. “A aprendizagem ao longo da vida e a formação contínua tornaram-se um imperativo para todos os ramos de atividade” (Carmo, 2022, p. 38).

Só que a mudança de foco de conteúdos que são assistidos em massa em smartphones e smarttvs revela, segundo Bauman (2013), que mensagens significativas são trocadas por fragmentos de informações que não constroem ou solidificam o conhecimento. A descontextualização de informações não cria uma narrativa coerente que faça o ser humano se desenvolver intelectualmente e isso impacta a forma como ele vê e vive a própria vida (Bauman, 2013, p. 22).

Em pesquisa da Opinion Box (2025)<sup>3</sup> sobre Dados sobre o comportamento dos usuários da rede social do momento, o TikTok<sup>4</sup>, no Brasil, tendo como base entrevistas com 2.066 usuários brasileiros de todas as faixas de idades, 33% dos usuários afirmaram acessar a plataforma pelo menos uma vez ao dia, sendo que desses, 36% entram no TikTok várias vezes ao dia e 9% deixam o aplicativo o dia todo aberto. A pandemia da Covid-19 foi um dos principais motivos que fez as pessoas adotarem o uso diário desse site de rede social, segundo a pesquisa. No mesmo estudo, 62% apontaram que usam a rede social para se distrair, contrastando com 27% que afirmam usar a rede para fins educacionais. O estudo revela assim que o TikTok é amplamente percebido como um espaço voltado ao entretenimento, tendo seu uso como uma forma de “escapar” do cotidiano.

Observamos que no meio dos nossos diálogos iniciais sobre educação, a comunicação se fez fortemente presente. Mas, afinal, o que é a Comunicação?

De modo pragmático, a comunicação tem como base o compartilhamento de significados por meio de trocas informacionais. Debatida inicialmente, enquanto ciência, nos primórdios do século XX, a Comunicação (ou o agir comunicativo) está no centro da elaboração da teoria de Jünger Habermas (1929), expoente da segunda geração da Teoria Crítica, que, por sua vez, tem como núcleo estruturante a Escola de Frankfurt, cujos principais representantes são Adorno (1903-1969), Marcuse (1898-1979), Horkheimer (1895-1973) e Benjamin (1892-1940).

---

3. Veja os dados completos da Pesquisa da Opinion Box, de 2025 sobre o TikTok: <https://content.app-us1.com/JY8yY/2025/02/24/49ccabd8-d858-4b1c-8918-0df3ba763aca.pdf>

4. TikTok, também conhecido como Douyin na China, é um aplicativo de mídia para criar e compartilhar vídeos curtos, de até 60 segundos.

Na compreensão de Habermas, a ação comunicativa tem um papel educativo em sua essência, pois cria condições para o exercício do diálogo, com práticas políticas isentas de repressão (Maar, 2014). Há, assim, uma estreita relação de interdependência entre o desenvolvimento da ação comunicativa com os objetivos educativos de formação de cidadãos críticos e participativos.

Não há como dissociar a subjetividade do indivíduo de um ato coletivo, pois ele faz parte de processo de formação que ocorre por meio de uma complexa rede de interações. Logo, Habermas vislumbra a possibilidade de que, através do diálogo e da comunicação e ação, o homem possa retomar o seu papel de sujeito. Os espaços escolares, por exemplo, apresentam-se, desse modo, como espaços onde podem coincidir com os objetivos de uma educação que visa à formação de indivíduos críticos e participativos (Gonçalves, 1999), por permitirem essa interação entre pares.

Habermas (1987) esclarece que a interação com as outras pessoas deixa em aberto o caminho para a inserção do sujeito, de forma construtiva, no “sistema de normas morais” socialmente reconhecido. Os mecanismos de aprendizagem, que são adaptação e acomodação, segundo o autor, operam especificamente por meio desses dois tipos de ação. Assim, se a interação entre sujeito e objeto modifica ambos, é *a fortiori* evidente que qualquer interação entre sujeitos modifica mutuamente a estes. “Toda relação social é, portanto, uma totalidade em si mesma que cria novas propriedades de transformar o indivíduo em sua estrutura mental” (Habermas, 1987, p. 103).

A teoria da ação comunicativa de Habermas tem base no momento cultural no qual foi criada, entre final do século XIX e início do século XX. À época, a Europa vivia o Estado de Bem-Estar Social, criado a partir do modelo do economista John Maynard Keynes (1883-1946), que rompe com a visão de livre-mercado em favor da intervenção estatal na economia. De todo modo, a ação comunicativa efetiva, segue constituindo-se como uma verdadeira tendência de desenvolvimento no contexto atual. A ação comunicativa proposta pelo teórico seria assim, entre outras questões, uma possibilidade “para se contrapor à organização meramente instrumental-mercantil da esfera pública, caracterizada, seja no plano privado dos consumidores, seja no plano público do populismo” (Maar, 2014, p. 24).

Ordinariamente, a comunicação e seus sentidos têm classificações profundas nas concepções enquanto Ciências da Comunicação. Entendemos que esse é um dos campos mais essenciais para o estudo de muitas dimensões de transformações sociais. A heterogeneidade da Comunicação acontece não apenas na mistura de campos que incorpora, mas nos modelos organizacionais e curriculares que produziu por si mesma. Calhoun (2012) afirma que, de fato, as disciplinas “estabelecidas” não podem ser consideradas antigas, pois “a maioria delas assumiu sua forma moderna há apenas cerca de 100 anos [...] em meio à tentativa de redefinir a universidade moderna como uma instituição que integra ensino e pesquisa” (p. 283).

Consideramos que um dos campos de pesquisa de maior envergadura na Comunicação são os estudos de mídia. Não há uma teoria ou método uniforme relacionado a essa área, mas sim um conjunto de pesquisas cujos objetos são as “tecnologias da comunicação, linguagens e os processos de apropriação social e cultural de que elas se fazem objetos em diferentes contextos” (Albuquerque, 2014, p. 260), principalmente associados aos meios de comunicação de massa, mídias online e a percepção sobre seus impactos relacionados com aspectos organizacionais da cultura, da política, da economia e da educação. Carmo (2022) relembra Marc Lits (1999, p.10):

(...) esta ciência consiste no estudo dos atos de comunicação socialmente elaborados, das significações traduzidas por estes atos, das relações e fenômenos cognitivos por estes solicitados, das representações socialmente partilhadas que se lhes seguem e dos seus efeitos sobre a realidade social.

Com efeito, a Educação e a Comunicação obtiveram seus objetos de estudos interconectados e conceitos próprios referentes a essa junção surgiram, tais como: *media education, media literacy, educación en medios, educación para la comunicación, comunicação/educação, pedagogia da comunicação, mídia e escola, educomídia, alfabetização digital, alfabetização midiática, educomunicação.*

Considerado ainda um campo emergente, escolas europeias, norte-americanas e latino-americanas endossam desde os anos 1950 os estudos sobre a educação e comunicação. A própria igreja católica, em países como Brasil e Chile, também firmou áreas disciplinares dedicadas a projetos educadores para a comunicação (Citelli, 2014). Na década de 1980, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) iniciou a Declaração de Grunwald observando que os sistemas políticos e educacionais precisam reconhecer suas obrigações de promover em seus cidadãos uma compreensão crítica dos fenômenos da comunicação (Unesco, 2013).

Em 2008, a Unesco em um esforço para harmonizar o campo de estudos “Comunicação e Educação”, adotou o termo guarda-chuva *media and information literacy* (alfabetização midiática e informacional), abrangendo competências interdependentes e convergentes para o engajamento com comunicações e conteúdos por meio de instituições educacionais, mídia e empresas de internet.

Existem algumas interconexões que levam às orientações teóricas e sustentação do conceito de *media and information literacy* ou Educomunicação (como ficou mais conhecido no Brasil entre educadores e pesquisadores, por isso também utilizamos esse termo neste estudo). Essas giram em torno do planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos de comunicação que têm como foco, segundo Soares (2013):

Debater as condições de relacionamento dos sujeitos sociais com o sistema midiático, no contexto da sociedade da informação, promovendo critérios de análise dos sistemas de meios de informação, assim como metodologias de utilização dos recursos tecnológicos em função da prática da educação para a cidadania; ii) promover e fortalecer ecossistemas comunicativos de

convivência – abertos e participativos – nos espaços educativos garantidos pela gestão democrática dos processos de comunicação; e iii) ampliar o potencial comunicativo dos indivíduos e grupos humanos. (p. 169)

No mundo com mais de 8 milhares de milhões de pessoas, em que mais de 66% usam a internet, ou seja, 5,35 milhares de milhões de usuários<sup>5</sup>, a Unesco se questiona sobre como assegurar que indivíduos e sociedades possam utilizar de forma eficaz a informação em constante evolução e o ecossistema digital, enquanto lidam com os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea (Unesco, 2016).

Na última década, houve desenvolvimento e implementação de currículos em nível global, voltado para educadores e educandos, apontando que interconexão entre informação, meios de comunicação e competências tecnológicas, entre elas compreensão e produção crítica de conteúdo e curadoria de informação, são essenciais para o empoderamento social, garantia de Direitos Humanos, redução de desigualdades, fomento da igualdade de gênero, da tolerância para promover a democracia e a paz, e alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (Unesco, 2021).

Temáticas como “informática e tecnologia”, “pesquisa”, “ciclo de informação, informação digital processamento, propriedade intelectual, literacia de mídia e informação com a finalidade de combater a desinformação e discurso de ódio nas mídias”, “audiência cidadã”, “uso de inteligência artificial na web”, “games”, “publicidade na mídia”, “mídia, tecnologia e sustentabilidade”, “empreendedorismo”, entre outras, foram introduzidas pela Unesco como elementares para a construção de currículos para educadores, alunos e pesquisadores, ou qualquer pessoa, em todos os níveis de educação e aprendizagem formal, informal e não-formal, que almeja se envolver de modo crítico com a área da educação, comunicação e tecnologias digitais.

Os objetivos do desenvolvimento do ensino e aprendizado em educação e comunicação podem ser sintetizados, segundo a Unesco (2016), em quatro palavras-chave: guiar, estimular, permitir, e empenhar interessados em diálogos de alfabetização midiática e informacional no que se refere aos objetivos de desenvolvimento local, nacional e regional dos países, considerando as normas internacionais.

## **Alargamentos reflexivos**

Alargando os diálogos sobre educação e comunicação, buscamos as reflexões de Káplun (1999) que pontua que a Comunicação não deve ser vista como um mero instrumento midiático e tecnológico “e sim, antes de tudo, como um componente pedagógico” (Id., 1999, p. 1). Nos anos derradeiros da década de 1990, cenário sob o qual o autor fez tal afirmação, a educação a distância por meios eletrônicos e a autonomia discente mediada

---

5. Dados do Digital 2024: Global Overview Report. Acesso via: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-global-overview-report>

por computador ainda eram apenas atos proféticos, muito embora com prognósticos já bastante factíveis.

A competência comunicativa, tão aclamada como habilidade necessária ao educando no século XXI, pode estar tendo sua importância retraída quando tratamos da educação por meio de aparatos de informação e comunicação. A ação educativa necessita da ação comunicativa. E o “isolamento” discente por trás de um computador ou *smartphone* utilizados com fins educacionais pode estar privando da comunhão entre pares que buscam o conhecimento. Os significados de autonomia e de solidão, relacionado aos aspectos educacionais em ambiente digitais, podem ter fios que se entrelaçam e os levam a um só cenário. Qual o espaço para as trocas comunicacionais neste meio? Qual a firmeza de laços formados por meio da comunicação em espaços de educação digitais?

Gómez (2022) aponta que há um “quadro ou cenário de educomunicação” mais complexo em tempos de cultura digital. Mas, os velhos problemas continuam, como o acesso incompleto à educação para todas as crianças dos países semidesenvolvidos.

O autor frisa que também existe uma distribuição desigual dos benefícios das tecnologias e outros recursos materiais para a educação básica, o que impacta diretamente nas literacias futura das crianças e jovens.

Na atualidade, onde deveríamos pensar em uma maior democracia educomunicacional, há uma nova “colonização” dos públicos e usuários da tecnologia por aqueles que controlam os processos e a maquinaria tecnológica, a exemplo das redes sociais digitais.

Gómez relata que os “algoritmos” são uma “arma” muito perigosa porque substituem os critérios de verdade na explicação da realidade, colocando em seu lugar critérios de repetição estatística de eventos. Lanier (2018) faz uma crítica mais aguda frisando que agora somos “animais de laboratórios”, pois os algoritmos “se empanturram de dados sobre você a cada segundo” (Id., 2018, p. 13)

Por isso, retomando a Gómez, a interface comunicação-educação pode facilitar a evidenciação de mecanismos de imposição um do outro. Geralmente trata-se de imposições dos mais poderosos aos menos poderosos, como já ocorriam nos meios tradicionais de comunicação em relação à população de massa.

## **Redes e mídias sociais digitais e seus reflexos na educação**

Ao aproximar a comunicação social da educação, fincamos os debates em características fortemente presentes na cultura digital: interatividade e colaboração. Não seriam esses também atributos das ciências educacionais e comunicacionais na era contemporânea?

Assim como a educação, é necessário estudarmos os meios de comunicação dentro de seus contextos sociais e culturais pois “há um risco de que as novidades tecnológicas e

os procedimentos técnicos sirvam apenas à perpetuação e naturalização de desigualdades sociais” (Brandão, 2016, p. 53).

Os espaços comunicacionais digitais que hoje também figuram fortemente como espaços de educação, têm atraído jovens e adultos em um movimento novo de aquisição de conhecimento informal ou não-formal que impulsiona o número crescente de pessoas “desqualificadas” que não podem atingir os padrões de normalidade difundidos pelo mercado (Bauman, 2013).

Compreendemos que a educação é uma das funções midiáticas mais importantes. Porém, as mídias por si só, não transformam realidades. Pelo contrário, podem reforçar estereótipos e reproduzir valores e modelos hierárquicos sociais e culturais: “A mídia como artefato, seja ela o papel ou a rede na internet, pode não atender ao exercício crítico e nem ao dialógico, tampouco contribuir para a emancipação e educação crítica dos alunos e professores” (Brandão, 2016, p. 53).

Isso se dá, pois, os conceitos de ensinar e aprender são distintos e com grandes variedades de compreensão. Ao pesquisar sobre o termo “*Teach*” no conceituado *The Britannica Dictionary*, somos levados a três significados: 1) *to cause or help (someone) to learn about a subject by giving lessons*; 2) *to give lessons about (a particular subject) to a person or group*; 3) *to cause or help (a person or animal) to learn how to do something by giving lessons, showing how it is done, etc.* Ao buscarmos por “*Learn*”, chegamos às seguintes definições: 1) *to gain knowledge or skill by studying, practicing, being taught, or experiencing something*; 2) *to cause (something) to be in your memory by studying it : memorize*; 3) *to hear or be told (something) : to find out (something)*; 4) *to become able to understand (something) through experience*.

Como visto acima, encontramos apenas dois pontos de intercessão entre ensinar e aprender, de acordo com *The Britannica Dictionary*: o ato de ouvir (que subentendemos que alguém falou/ensinou por meio de aulas) e o de ser ensinado. O aprendizado possui um grau de subjetividade, principalmente quando evocado os termos descoberta, experimentação e experiência.

Para Not (1993), o que nos leva a adquirir conhecimento é a transmissão (baseado em um método tradicional de ensino no qual há o discurso professoral, o que pode gerar segurança a quem aprende, rapidez e facilidade no aprendizado); a incalculação (tem a base do ensino tradicional, sendo reforçado por condicionamento por repetição e reforço); e a descoberta por aquele que aprende (quando a pessoa produz conhecimento por si mesmo, através da observação, investigação e experiência)

De acordo com Barros (2016, p. 30), na era digital, há infinitas possibilidades de propagação, armazenamento, distribuição e construção coletiva de conteúdo, tão logo, a interatividade e colaboração são pressupostos necessários para se pensar a aprendizagem na contemporaneidade. Nesse cenário, debruçamo-nos em uma cultura que convergiu os



meios de comunicação, a produção cultural participativa e a inteligência coletiva — palco interessante para o ambiente educativo online.

A convergência é um processo midiático, que vai se adaptando às novidades tecnológicas ou a cada novo modo de consumo de um conteúdo (Jenkins, 2009). Dessa forma, os próprios meios e redes sociais digitais utilizam estratégias no intuito de “convidar” ou “induzir” os consumidores para uma ação, principalmente no que se refere à participação ativa da construção de novos conteúdos. E essa rede de construção de conteúdos vai formando redes de sociabilidade, de acordo com nichos de interesses. Anderson (2006) avalia essa massa de nichos pela perspectiva da gama de possibilidades de escolhas que vivemos hoje. Logo, os indivíduos que têm mais identificação por algo, acabam dividindo os mesmos gostos, os mesmos nichos de interesses e potencializando a formação de redes. Há, assim, um processo de cooperação humana no ciberespaço, que é capaz de formar laços sociais entre membros de comunidades, gerar inteligência coletiva e alavancar a expertise dos participantes no espaço digital, em um esforço conjunto (Jenkins, 2009).

Os ecossistemas que se desenvolvem a partir das redes online, têm como base as práticas que se desenvolvem a partir dos processos cognitivos, moldados por uma rede de aprendizagem com motivações intrínsecas e afetivas (Ortiz & Corrêa, 2020), além do desenvolvimento de habilidades mentais para integrar e fortalecer redes em interação em conexão contínua. As redes sociais digitais voltadas para a educação devem promover interações e vínculos entre seus membros, visando criar um ambiente que integre informações, pessoas e ideias provenientes de diversas fontes. Dessa forma, contribuem para fortalecer o senso de comunidade ao seu redor, facilitando as trocas de conhecimento e experiências.

De que maneira podemos identificar uma rede ou comunidade de aprendizagem online em contraste com outras redes sociais? A diferença está na sua intenção educativa. O aprendizado é uma característica natural do ser humano, ocorrendo independentemente de lugar, horário ou circunstância. Embora seja possível adquirir conhecimento em qualquer rede ou comunidade online, aquelas dedicadas à aprendizagem tornam esse objetivo evidente e central, sendo, portanto, mais voltadas ao estímulo da educação.

Coleman et al. (2018) analisaram, em um estudo de caso, que à medida que o Twitter se tornou uma plataforma popular para redes sociais, os educadores gravitaram para a plataforma com fins de formação de redes profissionais. Os educadores começaram a utilizar a hashtag #edchat para denotar conversas contínuas e crescentes sobre assuntos educacionais.

Com a pesquisa, descobriu-se que a comunidade de educadores no Twitter, que usou a hashtag #edchat para se comunicar, bem como com a miríade de grupos #edchat relacionados, usou os laços fracos de uma infinidade de relacionamentos casuais para criar os laços fortes da comunidade. Essa comunidade extrai de suas interações, capital social para se reunir em grupos bem unidos e trazer outros da periferia da rede para o

discurso geral da comunidade. Esses educadores que usam a hashtag #edchat se reúnem em uma comunidade para discutir o domínio da educação e dessa comunidade surgiu um conjunto emergente de padrões e melhores práticas. Essas práticas estão incentivando o aprendizado ativo e centrado no aluno nas salas de aula, sistemas e escolas onde alunos, professores, pais e administradores têm voz no currículo e nos procedimentos de uma escola.

Ou seja, a partir de uma #hashtag em uma rede social digital, construiu-se capital social a ponto de se formar grandes e pequenos grupos, com laços fracos e fortes, em um movimento capaz de fazer com que os envolvidos nessas redes e comunidades online pudessem fortalecer e melhorar as práticas educacionais em suas comunidades presenciais.

No desenvolver das culturas das mídias, aprendemos com os aparatos comunicacionais (rádio, TV, telefone, televisão e mídias digitais) a nos apropriar das dinâmicas midiáticas e redefinir nosso modo de viver de uma maneira surpreendentemente rápida (Rheingold, 1996). O porquê dessas transformações culturais não está na tecnologia em si, mas na mudança de visão e comportamento das pessoas diante dessas tecnologias de comunicação.

#### Educação Formal, Não formal e Informal na Era Digital

A educação é para a vida. Isso, todos que têm acesso a ela sabem, ou pelo menos estima-se que deveriam saber. Porém há distintos níveis de educação nos quais nos deparamos no decorrer de nossa jornada, são elas: i) educação formal; ii) educação não formal e; iii) educação informal.

Regis et al. (2016) compreendem que a educação formal, baseada no modo transmissionista do saber, necessita ser repensada no âmbito escolar em decorrência da cultura digital na qual os jovens estão imersos. Para as autoras, a metodologia tradicional de ensino pouco desenvolve o cidadão crítico e criativo, pois limita-o a absorver e repetir informações conclusivas sobre determinado objeto de estudo.

Nessa estrutura formal há características marcantes, tais como: educação estruturada e hierárquica; currículo predefinido e sequenciado; certificação oficial (diplomas, certificados); espaços físicos ou virtuais específicos (escolas, universidades físicas ou a distância); professores com formação específica.

Compreende-se, a partir de Regis et al. (2016), que há a necessidade dos educadores problematizem de modo contínuo esse modelo de educação transmissionista, que tem sido apontado, segundo elas, com falhas que podem refletir em problemas pedagógicos, sociais, políticos e culturais dos educandos.

Há uma urgência em desenvolver e aplicar métodos e filosofias de aprendizado que aproximem as teorias às situações cotidianas da vida dos alunos, fazendo que os mesmos compreendam que eles são agentes necessários no pensar e fazer social e não simples depositários de informações descontextualizadas. A compreensão que a produção

de conhecimento pode ser gerada pelos educandos é uma necessidade educacional deste século. As autoras citam como exemplo, a filosofia de crescimento integral do aluno de Teixeira (1968), o sociointeracionismo de Vigotsky (2007) e a educação para a liberdade de Freire (1967) como essenciais para um novo modelo de educação.

Mesmo na educação formal, Freire (2021) é fundamental que os educandos desenvolvam o rigor crítico em um ambiente que estimule os estudantes a assumirem suas próprias direções. A “autodireção” deve fazer parte da sala de aula libertadora. E os temas e materiais da aula devem ser retirados também dos contextos sociais que chamem atenção crítica à realidade. “O teste final é como os estudantes se transformam ao conhecer o material, como mudam em relação ao estudo e à sua participação na sociedade” (Freire, 2021, p. 149). O autor segue pontuando que “a educação não é engolir livros, mas é, sim, transformadora das relações entre alunos, professores, escola e sociedade” (Id., 2021, p. 150).

Fielding (2012) analisou os escritos educativos do filósofo escocês John Macmurray (1891-1976), e pontuou que ao longo das décadas de 1930 e 1940, Macmurray enfatizou a necessidade de abraçar a mudança, desenvolvendo e celebrando a nossa capacidade de responder de forma criativa e imaginativa à sua inevitabilidade e irreversibilidade. Macmurray analisa que ao recorrer para currículos antigos, é pouco provável que as velhas perspectivas e velhas abordagens à aprendizagem se revelem eficazes ou satisfatórias. “Nas escolas, assim como na vida, o filósofo defendeu a centralidade da espontaneidade, da imaginação, da experimentação como orientações e práticas reciprocamente simpáticas à educação das emoções”<sup>6</sup> (Fielding, 2012, p. 9).

No que se refere à educação não formal, há atributos específicos como: menos estruturada e hierárquica que a formal; maior flexibilidade curricular e metodológica; pode ocorrer em diversos espaços (museus, ONGs, empresas); têm possibilidades diversas de realização: cursos livres, oficinas, palestras, atividades extracurriculares, etc.

A aprendizagem ao longo da vida foi uma resposta às mudanças socioeconômicas da Europa na década de 1990. Nesse período, a Europa enfrentou uma crise econômica e um aumento do desemprego. Como resposta a esses desafios, a aprendizagem ao longo da vida se consolidou como política pública. Essa política visava preparar os cidadãos para lidar com as mudanças no mercado de trabalho e na sociedade em geral (Perin & Brčić, 2014).

Destarte, a ênfase migrou da educação formal, que é um processo institucionalizado e organizado, para a aprendizagem ao longo da vida. Essa última abrange todas as formas de aprendizado em diferentes momentos da vida, desde a educação infantil até a educação de adultos. Neste contexto, a educação pode ser acentuada como a aquisição de

---

6. Para o filósofo John Macmurray (1891-1976), a educação das emoções é um componente fundamental para o desenvolvimento humano integral. Ele argumenta que as emoções não são apenas reações impulsivas ou biológicas, mas sim aspectos essenciais da nossa natureza que nos permitem nos conectar com o mundo e com os outros.

conhecimentos, habilidades e hábitos. É um processo dinâmico que permite aos indivíduos se adaptar às mudanças socioculturais e se desenvolverem ao longo da vida.

Assim, compreendemos que a educação não formal é uma forma de educação que envolve atividades educativas não institucionais destinadas a desenvolver competências específicas necessárias para viver e trabalhar.

Korbes (2016) reflete sobre o campo não formal da educação e analisa que esse é um campo de estudo em constante transformação. Ela apontou olhares sobre educação formal, defendendo que é a partir dela que acontece o desenvolvimento da educação não-formal. Sob a visão de Korbes, a divulgação científica também pode ser vista como forma de educação. A autora bebeu de fontes como Dermeval Saviani e Karl Max para fundamentar suas discussões teóricas sobre educação não-formal.

No tocante à educação informal, apreendemos que é um processo contínuo e não intencional. É uma aprendizagem através da experiência e da interação com o meio social, isento de currículo ou certificação. Esse tipo de educação ocorre em diversos contextos da vida cotidiana (família, amigos, comunidade) e variam em uma gama ampla de temas.

Em conformidade com Perin e Brčić (2014), a educação informal inclui diversas formas de aquisição de competências através da autoeducação, cujo resultado é a expansão do conhecimento existente no contexto da aprendizagem ao longo da vida. Essa assimilação acerca da importância da educação informal geralmente ocorre em uma determinada idade, após a escolaridade regular, e geralmente está vinculada à educação ao longo da vida. Nas visões contemporâneas sobre a educação, as três formas de atividades educativas mencionadas constituem em conjunto um todo que é denominado de *lifelong learning* (aprendizagem ao longo da vida).

De acordo com o documento “A Framework for Lifelong Learning Research in the ASEM Region: 2020-2025”, (2020) da *ASEM Education and Research Hub for Lifelong Learning (ASEMLLL Hub<sup>7</sup>)*, a aprendizagem ao longo da vida permite que indivíduos, comunidades e a sociedade em geral adquiram aprendizagem ao longo do ciclo de vida em absolutamente tudo, desde a educação básica até competências e conhecimentos avançados, sobre como viver uns com os outros num mundo em mudança e como viver melhor as nossas vidas.

A aprendizagem ao longo da vida é o paradigma essencial da era contemporânea. As competências, as carreiras, o local onde se pode viver, trabalhar e aprender são imprevisíveis. A tecnologia, o clima, a migração, a segurança e a saúde global, por exemplo, apresentam desafios cada vez mais novos. (ASEMLLL Hub, 2020, p. 13)

Portanto, o conceito de educação linear, dividida em fases, com saídas e conclusões não seria mais válido. Tão logo, a educação não se resume a mecanismos que moldam

---

7. O ASEM LLL Hub oferece à Ásia e à Europa um mecanismo sem paralelo para o envolvimento em investigação de alto nível e orientada para políticas sobre o futuro da aprendizagem ao longo da vida, aproveitando tradições ricas e novas tendências estimulantes em ambas as regiões.

os indivíduos a aceitar a realidade como algo imposto e construído unicamente por outros. É fundamental que os diversos espaços educativos promovam reflexões críticas sobre a participação e autonomia do sujeito e do seu coletivo na construção de processos humanizatórios. Tais processos devem estar comprometidos com a transformação social, o bem-estar comum, a ampliação das oportunidades e o compartilhamento de benefícios para a qualidade de vida das pessoas (Severo, 2015).

Dessa forma, o aprendizado não se limita mais aos muros da escola e à voz única do docente. A educação moderna exige um ambiente propício ao diálogo, à interação e à troca de informações através de diversos meios. É necessário repensar os modelos tradicionais de comunicação escolar/ universitária que não acompanham a velocidade e a fluidez do conhecimento na era digital.

“A idade para aprender são todas”, diz Martín-Barbero (2014, p.10). E reflete ainda que estamos passando de uma sociedade com sistema educativo a uma sociedade educativa. Nesse novo ambiente, “a rede educativa atravessa tudo: o trabalho e o ócio, o escritório e o lar, a saúde e a velhice” (Id., 2014, p. 10).

Martín-Barbero (2014) aponta que o paradigma da aprendizagem contínua redefine a educação, estabelecendo-se como um marco histórico e estrutural. Essa mudança impulsiona a busca por novas metodologias de ensino e aprendizagem, amparadas por um conceito de educação que reconhece a diversidade de estilos e necessidades de aprendizado. Essa diversidade se reflete na oferta de oportunidades de aprendizado em diversos ambientes (uma fábrica, um hotel, uma empresa, um hospital –, os grandes e os pequenos meios ou a internet.), momentos e com diferentes públicos, abrangendo contextos formais, informais e não formais.

No Brasil, em Portugal e no mundo, a população está envelhecendo mais e melhor. A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que, até 2050, 25% da população global será de idosos. É cada vez mais comum pessoas com mais de 60 anos buscarem mais os campi universitários. No Brasil, o Mapa do Ensino Superior de 2021<sup>8</sup>, desenvolvido pelo Instituto Semesp, aponta que o país tem 198 mil idosos matriculados em cursos superiores. Comparados com anos anteriores, como entre o 2015 e 2019, houve aumento de 50% das matrículas de idosos em cursos superiores, conforme dados do Censo da Educação Superior.

## **A educação pela educação, pela midiatização ou pela monetização na era digital?**

A era recente está marcada por dois cenários: o antes da Covid-19 e o depois da Covid-19. É sabido amplamente que a pandemia impactou de inúmeras maneiras a vida da

---

8. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Mapa-do-Ensino-Superior-Completo.pdf>

população nesta década, bem como, as perspectivas formas de viver, de trabalhar, de se relacionar, de estudar, etc.

No campo educacional, pudemos notar fenômenos se proliferarem: lives educativas, aulas da educação formal, não formal e informal online e valorização pela população geral de conteúdos em redes sociais de cientistas e professores (principalmente na área da saúde). Tudo muito fluído de modo muito natural ou orgânico (termo adotado por muitos usuários de redes sociais) a princípio.

No que se refere às lives, de acordo com Neves et al. (2021), elas passaram a ganhar sentido formativo de importância, a partir do momento que se transformam em momentos propícios para a reflexão e a discussão de conhecimentos e práticas que fortaleçam umas práxis mais crítica e consciente. Esse modelo de educação informal foi essencial não só no estado pandêmico com o intuito de ensinar sobre os cuidados requeridos para combater a propagação do vírus, mas tornou-se indissociável desse contexto com a educação, “reinventando modelos formativos e incorporando novos processos educacionais viáveis e pertinentes” (Id., 2021, p. 4).

Em seu estudo, Neves et al, 2021, relatam que as lives foram fundamentais não somente para confirmar o pressuposto de que ações educativas mediadas por vídeos ao vivo em redes sociais colaboram para a disseminação de informações confiáveis e formação em saúde, mas, ainda, tornaram factível demonstrar que é possível articular diversos profissionais para atuarem coletivamente como protagonistas e aprendizes no fomento à educação em saúde. No artigo, os autores pontam que entre os desafios observados, destacaram-se: a inexperiência de alguns profissionais com o manejo da ferramenta digital utilizada; e a inacessibilidade às transmissões online pelas pessoas mais vulneráveis, que não dispõem de acesso às tecnologias de comunicação e informação e/ou à Internet, gerando, assim, a exclusão de um público prioritário.

Entendemos que os meios de comunicação também são um espaço para a legitimação da ciência. Essa ligação tem sido notada desde o final da década de 1990, quando Peter Weingart (1998), segundo Hjarvard (2012), discorre sobre a base para a tese da midiaticização da ciência. Logo, à medida que a mídia assume um papel cada vez mais crucial na moldagem da opinião pública, da consciência social e da percepção individual, por um lado, “e uma crescente dependência por parte da ciência de recursos escassos e, portanto, da aceitação pública, por outro, a ciência passará a ser cada vez mais midiática” (Weingart, 1998: 872, apud Hjarvard, 2012, p. 57).

O estudioso sintetiza a midiaticização como um processo duplo no qual a mídia se transformou em uma instituição semi independente na sociedade. A lógica é que outras instituições têm que se adaptar a ela. “A mídia se integrou às rotinas de outras instituições, como política, família, trabalho e religião – e educação (grifo nosso), já que um número cada vez maior das atividades destes domínios institucionais é realizado através tanto dos

meios de comunicação interativos quanto dos meios de comunicação de massa” (Hjarvard, 2012, p. 53)

Sob essa perspectiva, analisando o cenário pós-pandemia, observamos que os modelos de compartilhamento de saberes não se evadiram do cenário das redes sociais, integraram-se perfeitamente a elas e ganharam ainda o centramento de outros valores além dos educacionais: o mercadológico e o midiático. A midiatização interveio ativa e fundamentalmente no meio educacional, tornando-o ainda mais complexo.

Sob o olhar de Sacramento (2009), no mundo de hoje, a maneira como agimos e pensamos é moldada em grande parte pelas mídias dominantes. Seus formatos, regras e normas, junto com a valorização do mercado e da tecnologia, moldam nossa realidade e a economia global. O autor frisa que não se trata de uma verdade universal, mas sim de algo que se impõe como tal, buscando dominar e silenciar outras vozes. Em uma sociedade onde a oposição e a resistência muitas vezes são vazias e sem propósito, torna-se difícil desafiar esse sistema hegemônico.

Ao nos referimos à interatividade online, muitas vezes vista como símbolo da contra-hegemonia na mídia, na verdade, pode-se esconder a perpetuação da ordem comercial vigente. O autor argumenta que essa interatividade é muito menos uma conquista do ouvinte/usuário da internet/cidadão/espectador e é muito mais a reprodução da ordem mercantil vigente pela predominância de um orador midiatizado. “Encontram-se aqui valores em estado prático que servem para qualificar a forma interiorizada e não consciente de uma nova moral que passa a regular a conduta cotidiana e os esquemas de ação” (Id., 2009, p. 89).

Decerto, nessa “nova lógica” do digital a educação por meio das mídias se tornou uma realidade. Mas, ao contrário do que se viveu fortemente na pandemia, sobretudo relacionado à educação voltada para a saúde, na atualidade o critério comercial tem se feito presente nas práticas educativas em ambientes digitais.

Mas, o que há de tão errado nisso? Cobrava-se por aulas ministradas desde a Grécia antiga. Um exemplo contundente, segundo Sacramento (2009), é a história do nascimento da retórica (linguagem para comunicar de forma eficaz e persuasiva) e os relatos primórdios de cobrança por aula.

Historiadores apontam que por volta de 450 a.C., Gelão e Hierão, dois tiranos sicilianos, tomaram a colônia grega de Siracusa, dividiram-na em lotes, os quais distribuíram entre mercenários, estabelecendo uma política sistemática de transferência de populações. Quando houve uma insurreição democrática, foram julgados os direitos de posse instaurados. Mobilizaram-se os júris populares. Diante deles, para convencer e ter um resultado favorável, era necessário ser o mais eloquente possível. Tal eloquência, participando, simultaneamente, da democracia e da demagogia, do judicial e do político (aquilo que se chamou de deliberativo), tornou-se, rápida e necessariamente, um objeto de ensino. Como narra Barthes (2001), os primeiros professores de retórica foram Empédocles de Agrigento, Córax, o primeiro a cobrar pelas aulas, e Tísias. (Sacramento, 2009, p. 91)

No digital, o termo “monetização” é comumente utilizado por diversos profissionais que lá atuam. E nesta era, o conhecimento também pode se tornar lucrativo. Existem diversas maneiras de comercializar o conhecimento: criação de produtos digitais, consultoria, mentoria, palestras, instrução de workshops, tudo de forma digital, presencial ou híbrida. E dessa forma pode surgir a construção de um negócio próspero mediado pelas tecnologias digitais de informação e comunicação.

Compreende-se que os meios deixam de ser apenas canais para se tornarem espaços de negociação, de contrato, de processos, de interação. Há complexas relações sendo estabelecidas pelos meios de comunicação digitais. E a influência da mídia na educação é cada vez mais evidente. Seus padrões e costumes moldam a maneira como pensamos e agimos, tornando-a parte integrante do nosso dia a dia, e não apenas um elemento externo. Essa onipresença da mídia desafia os educadores a se adaptarem e desenvolverem novas habilidades para uma atuação eficaz.

Paiva (2012, p. 161) assinala que podemos analisar a força simbólica da internet em uma sociedade midiaticizada pela luz do que boa parte da mídia oferta: “lazer, diversão e entretenimento – o e-commerce é a sua expressão mais evidente –, e como uma new media cria oportunidades de trabalho e educação, como e-learning, as teleconferências, as publicações virtuais”.

Do surgimento da internet comercial para os tempos atuais, observamos a comunicação digital se tornar uma força transformadora. Ela molda a maneira como pensamos, nos comunicamos e agimos na sociedade, capacitando os indivíduos a usá-la como ferramenta para se expressar e defender seus direitos, impactando diretamente o nosso dia a dia.

É crucial, no entanto, abaliza Paiva (2012) que tenhamos o discernimento entre o que é útil e o que é prejudicial. De um lado, existe um complexo sistema midiático, seja analógico ou digital, controlado pelo sistema capitalista global. Esse sistema busca, acima de tudo, o lucro, e muitas vezes se limita a um conteúdo meramente comercial.

Em contraposição, surge um novo cenário: o complexo pós-massivo. Ele nasce da ação coletiva, dos “sistemas sociais de resposta”, e promove estratégias para distribuir e socializar a informação de forma mais democrática.

Embora o mercado continue a ter um papel importante na economia de bens e ideias, a comunicação midiática compartilhada se destaca por sua natureza mais democrática. Ela permite conciliar a diversidade de interesses e expectativas sociais, promovendo uma sociedade mais inclusiva e justa do ponto de vista ético.

Sob a perspectiva de Paiva, convém enfatizar que as mídias digitais podem levar a mediações apenas diletantes por parte dos educadores, cientistas e demais profissionais que almejam levar informação e conhecimento no ambiente digital, mas também elabora mediações que podem sanar desajustes socioeconômicos



O autor pontua ainda que essa midiaticização da educação pode provocar um processo de midiaticização aliado apenas às engrenagens do capitalismo global, mas pode também promover uma midiaticização favorável à aproximação das fronteiras entre as classes sociais através de conexões sociotecnológicas bem ponderadas. A maneira como os atores sociais intervierem nesses processos determinará os resultados finais.

## REFERÊNCIAS

Anderson, C. (2006). *A Cauda Longa - A nova dinâmica de marketing e vendas: como lucrar com a fragmentação dos mercados*. Campus.

Anderson, T. & Dron, J. (2012). Três gerações de pedagogia de educação a distância. *EaD em Foco*, 2 (1), 119-134.

Assem Lifelong Learning (2020). *A Framework for Lifelong Learning Research in the ASEM Region: 2020-2025*.

Barros, L. (2016). *Comunicação e aprendizagem: utilização de tecnologia móvel aplicada na educação presencial e EAD*. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal da Paraíba;

Bauman, Z. (2013). *Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo/Zygmunt Bauman*. Jorge Zahar.

Bobbio, N. (1997). *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Editora da UNESP.

Brandão, A. (2016) *Aprender “na tora”: práticas e saberes de jovens produtores midiáticos*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação: conhecimento e inclusão social. Universidade Federal de Minas Gerais.

Carmo, T. (2022). *Comunicação Digital, educação e cidadania global: novos paradigmas*. Âncora Editora.

Carvalho, J. (2008). Comunidades virtuais de aprendizagem: em busca de uma caracterização. *Anais de Congresso - Associação Brasileira de Educação a Distância*.

Castells, M. (2001). *The Power of Identify*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, M. (2015). *O poder da comunicação*. Paz e Terra.

Citelli, A. (2014). Comunicação e Educação. In Citelli, A.; Berger, C; Baccega, M.; Lopes, M.; França, V. (orgs.) *Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores*. Contexto, 65-74

Coleman, J.; Rice, M. & Wright, V. (2018). Educator Communities of Practice on Twitter. *Journal of Interactive Online Learning*. 16 (1), 80-96

Durkheim, E. (2004). *As regras do método*. 9ª ed. Presença

- Erdoğdu, F. (2022). Online Knowledge Construction for Teachers on Social Media: A Community Perspective for Practice. *Asian Journal of Distance Education*, 17 (1).
- Fielding, M. (2012.) Education as if People Matter: John MacMurray, Community and the Struggle For Democracy. *Oxford Review of Education* 38 (6), 675-692. DOI:10.1080/03054985.2012.745044
- Freire, P. (1967). *Educação como prática da liberdade*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1983). *Extensão ou Comunicação?* 7.ed. Paz e Terra.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia do oprimido*. 31. ed. Paz e Terra.
- Freire, P. (2021). *Medo e ousadia: o cotidiano do professor/ Paulo Freire, Irar Shor*, 14. Ed. Paz e Terra.
- Gonçalves, M. (1999). Teoria da ação comunicativa de Habermas: Possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. *Educação & Sociedade, XX -66* (Abril), 125-140
- Hjarvard, S. (2012). Mediatization: theorising the media as agents of social and cultural changematrixes. *Matrizes*, 5 (2), 53-91
- Kant, I. (1996). *Sobre a pedagogia*. UNIMEP.
- Káplum, M. (1999). Processos educativos e canais de Comunicação. *Comunicação & Educação*, Sao Paulo, 141, 68 -75, jan./abr.
- Körbes, C. (2013). Educação não-formal em mídias: Divulgação científica sobre nanotecnologia. *Doutorado em Tecnologia, na Área de Especialização em Tecnologia e Sociedade*, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. Editora 34.
- Lévy, Pierre.(2003). A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. Loyola.
- Maar, W. (2014). Ação Comunicativa. In Citelli, A.; Berger, C; Baccega, M.; Lopes, M.; França, V. (orgs.) *Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores*. Contexto.
- Mcluhan, M. (1979.). Os meios de comunicação como extensões do homem. 5ª ed. Cultrix.
- Martín-Barbero, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ.
- Martín-Barbero, J. (2014). *A Comunicação na Educação*. Contexto.
- Moore, M.; Kearsley, G. (2010). Educação a distância: uma visão integrada. *Cengage Learning*.
- Moodley, M. (2019). WhatsApp: Creating a virtual teacher community for supporting and monitoring after a professional development programme. *South African Journal of Education*, 39 (2). <https://doi.org/10.15700/saje.v39n2a1323>

Mujahidah, U., & Yasin, M. (2022). Info graphic-based instagram learning media development in essay writing study english education study program as-syafi'iyah islamic university. *Lingua: Jurnal Pendidikan Bahasa*, 18 (2), 191-207. <https://doi.org/10.34005/lingua.v18i2.2223>

Neves, V.; Machado, C.; Fialho, L. & Sabino, R. (2021). Utilização de Lives como Ferramenta de Educação em Saúde durante a Pandemia pela Covid-19. *Educ. Soc., Campinas*. 42 (14), e240176. <https://doi.org/10.1590/ES.240176>

Not, L. (1993). *Ensinando a Aprender: elementos de psicodidática geral*. São Paulo: Summus.

Sacramento, I. (2009). A midiatização da retórica. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 11 (2), 89-102. Doi: 10.4013/fem.2009.112.02

Santaella, L. (2003). Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*, 10 (22), 23–32. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3229>

Silva, C. (2017). *Comunicação, Educação, Cultura e Suas Mediações: Uma Imersão no Projeto Proteger é Preciso/Ong Oficina De Imagens*. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais. Belo Horizonte, 158 F. : Il.

Silva, C.M (2016). Kant – Uma educação para a humanidade. Filosofia. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 33, 225-246. <http://dx.doi.org/10.21747/21836892/fil33a14>

Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura); Wilson, C.; Alton, G; Ramon, T.; Kwame, A.; Chi-Kim C. (2013). *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*. Unesco,UFTM.

Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura); Grizzle, A.; Penny, M.; Michael, D.; et al. (2016). *Alfabetização midiática e informacional: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias*. Unesco, Cetic.br.

Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura); Audrey A. (2019). *Global Standards for Media and Information Literacy Curricula Development Guidelines*. Unesco.

Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) (2020). *Empoderar estudantes para que se tornem agentes da transformação social por meio da aprendizagem móvel no Brasil: Estudo de caso pelo projeto Unesco-Fazheng sobre melhores práticas em aprendizagem móvel*. Place de Fontenoy,75352, Representação da Unesco no Brasil.